

Encarnado

Na primeira parte do *Zaratustra – Do Ler e Escrever* – Nietzsche já dizia: “de tudo o que se escreve, aprecio somente o que alguém escreve com seu próprio sangue. Escreve com sangue; e aprenderás que o sangue é espírito.” (NIETZSCHE: 2003, p. 66). Em Stela corpo e espírito não se separam, seu corpo se abre às forças do mundo, conecta-se às suas energias e é por elas conectado. Sua fala encarnada, visceral, age sobre o sistema nervoso, não é cerebral, tornando sonoras forças não sonoras. A sonoridade das palavras faz explodir a dimensão semântica

Eu sou mundial podre
Tudo prá mim é merda durinha à vontade
Até ser contaminada e contaminada até ser merda pura
E é merda fezes excremento bosta cocô
Bicha lombriga verme pus ferida vômito escarro porra
Diarréia e disenteria água de bosta e caganeira
(PATROCÍNIO: 2001, p.123)

Fala que se constrói no caos, uma explosão de forças que deslizam por entre os buracos, fissuras de um indivíduo encarnado, de um corpo próprio, de um nome próprio tentando ecoar em outras singularidades e se presentificando em intensidade

Eu não sei quem fez você enxergar
Cheirar pagar cantar pesar ter cabelos
Ter pele ter carne ter ossos
Ter altura ter largura
Ter o interior ter o exterior
Ter um lado o outro a frente os fundos
Em cima em baixo
Enxergar
Como é que você consegue enxergar
E ouvir vozes?
(PATROCÍNIO: op. cit. p. 87)

Nesse sentido é a fala de Deleuze que mais vibrações provoca em nós:

A literatura só se instala descobrindo sob as aparentes pessoas a potência de um impessoal, que de modo algum é uma generalidade, mas uma singularidade no mais alto grau: um homem, uma mulher, um animal, um ventre, uma criança... As duas primeiras pessoas do singular não servem de condição à enunciação literária; a literatura só começa quando nasce em nós uma terceira pessoa que nos destitui do poder de dizer Eu. (DELEUZE: 1997, p.13)

O que Deleuze faz falar é uma certa forma, diferente do indivíduo-coextensivo ao ser do mundo clássico, da pessoa-coextensiva à representação do mundo romântico, do fundo anônimo indiferenciado. Esta forma que Deleuze traz com seu pensamento é um mundo de singularidades pré-individuais, impessoais, são “singularidades móveis, ladras e voadoras, que passam de um a outro, que arrombam, que habitam um espaço nômade” – como ele mesmo diz numa entrevista de 1969, publicada com o título “Gilles Deleuze fala da filosofia” (Deleuze: 2006, p.198).

Stela nos chega como produtora de um pensamento capaz de se sustentar não mais na identidade, mas, como queria Nietzsche, na vontade de potência, esse poder criador-transfigurador. Um pensamento que está a serviço da vida, enraizado na vida, em sua potência criadora. Entre outros, alguns textos de Nietzsche explicitam esse pensamento. Em *Assim falou Zaratustra*, ele fez Zaratustra dizer o segredo que a vida lhe confiou: “‘Vê’, disse, ‘eu sou aquilo que deve sempre superar a si mesmo’”. (NIETZSCHE: 2003, p. 145). O que a vida lhe diz é que onde há vida tem que haver vontade, mas vontade de potência, pois, para Nietzsche, todo corpo terá de ser “a vontade de poder encarnada, quererá crescer, expandir-se, atrair para si, ganhar predomínio – não devido a uma moralidade, ou imoralidade qualquer, mas porque vive, e vida é precisamente vontade de poder.” (NIETZSCHE: 2002, p.171).

Ao perguntarem a Stela pelos seus desejos, ela responde: “Meu desejo é crescer e multiplicar”. (PATROCÍNIO in MOSÉ, 2001: 151) . Em outro momento ela diz:

(...) Eu cresci engordei tô forte
Tô mais forte que um casal
Que a família que o exército que o mundo que a casa
Sou mais velha do que todos da família
(PATROCÍNIO: op. cit. p. 141)

Uma coisa eu sei: *esta linda e saudável porrada no organismo* encheu meu coração de *enthousiasmo* (cheio de deuses). Se a escritura, como diz Deleuze, não tem outro objetivo a não ser o vento, que esse entusiasmo delire por outros olhares, por outras audições, em outros devires.